

A LEITURA COMO CONVITE PARA O PROFESSOR REINVENTAR A ESCOLA

THE READING AS AN INVITATION FOR THE TEACHER TO REINVENT THE SCHOOL

LA LECTURA COMO INVITACIÓN PARA EL PROFESOR REINVENTAR LA ESCUELA

**Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira*

RESUMO: Resenha livre da obra YUNES, Eliana. *Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres*. Ilustr. Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publicações, 2016. Coleção Mediações.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do leitor; Leitura na escola; Mediação de leitura.

INTRODUÇÃO

Na obra *Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres*, Eliana Yunes (2016), utilizando-se de sua experiência como crítica, escritora, leitora e professora, defende a importância da leitura tanto para uma existência prazerosa e crítica, quanto para o exercício da cidadania e construção de uma sociedade mais igualitária. Justifica-se, então, o título de seu livro. Nos dez capítulos de sua obra, de forma inteligente e apaixonada, entabula um agradável diálogo com seu leitor visado – o professor –, por meio do qual o convida a leituras diversas e a refletir sobre sua *práxis*, apontando-lhe caminhos metodológicos e teóricos.

Nota-se que a autora conhece profundamente o universo em que se insere seu público-alvo, bem como os discursos que enuncia sobre sua realidade. Valendo-se dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (ISER, 1987), realiza com seu leitor, justamente, o que defende em suas argumentações. Assim, retoma conceitos prévios sobre leitura e avaliação, ensino, literatura e sala de aula, com a finalidade de subvertê-los, visando à ampliação dos horizontes de expectativa de seu leitor. Este, por sua vez, instigado pelo relato e motivado pelos constantes convites a pesquisas diversas em textos escritos e imagéticos, dispersos pelos campos teórico, literário, cultural e artístico, pode realizar um complexo exercício de leitura comparada e crítica, em que reflete e repensa sobre sua ação como educador, leitor, mediador e sujeito.

* Professora Assistente Doutora na graduação (FCL/UNESP-Assis). Doutorado e mestrado em letras(UNESP/Assis). E-mail: eliane@assis.unesp.br.

Por meio de um diálogo leve, descontraído e autêntico, Yunes (2016) revela que, embora os sujeitos ignorem, lêem cotidianamente como forma de sobrevivência. Ao apresentar ao seu leitor visando obras, quadros, filmes, entre outras produções provenientes da cultura popular e da canônica, e ao aproximá-las, pelo exercício comparativo, explorando os conceitos de paródia e paráfrase, a autora rompe com o conceito de que a leitura só se realiza em textos impressos. Entre as várias sugestões de leitura que Yunes (2016) nos apresenta, com a finalidade de romper com os preconceitos do professor, pode-se citar algumas, como: *Ciganos e Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós (1982 e 2011); *Corda bamba*, de Lygia Bojunga (1979); *A curiosidade premiada*, de Fernanda Lopes de Almeida (1988); *Literatura oral*, de Câmara Cascudo (2009); *Fita verde no cabelo*, de Guimarães Rosa (1970).

As três primeiras obras, por serem polissêmicas, permitem a revisão do conceito de que livros com poucas páginas são simples e quando destinados ao jovem não tratam de temas contundentes, pois demandam complexo exercício analítico e reflexivo. A quarta obra revela que livros infantis dotados de valor estético rompem com categorizações, sendo cativantes a leitores de qualquer idade. A quinta obra aponta que a literatura surge da oralidade, da cultura proveniente da memória popular muitas vezes banida do âmbito escolar. E a sexta obra nos apresenta que uma obra pode se configurar como sendo um reconto – no caso do conto de fadas *Chapeuzinho vermelho*, de Perrault (2007), o qual permite na leitura a descoberta de que os textos dialogam entre si, criando redes de significado.

Vale destacar que Yunes (2016) constrói seu texto na linha teórica que defende, pois instaura vazios para o leitor. Assim, não coloca o ano de edição nos textos que menciona; em alguns indica o título e a autoria, mas em outros, somente o título ou só as personagens, pois considera que fazem parte do imaginário dos professores. Assim, projeta um leitor implícito dotado de repertório que, muitas vezes, é ignorado ou esquecido. Além disso, pela curiosidade, motiva-o a buscar as referências ao final da obra e em outras bases de pesquisa. Em defesa da importância de ler, afirma que a familiaridade com o imaginário permite ao sujeito enxergar melhor a realidade e preparar-se emocionalmente para imprevistos. Acredita que o exercício da leitura, pelo preenchimento dos vazios que se instauram nos textos, aproxima-se da própria vida que requer nossa capacidade para preencher ausências, organizar o caos, construir pontes entre elos perdidos e, inclusive, driblar a morte.

Como sugestões de trabalho na mediação de leitura, resgata gêneros textuais diversos, em especial, os provenientes da oralidade, pondo em destaque a necessidade do humor na sala de aula, por meio da exploração da comédia, que “também ensina a pensar, ironizando situações e sorrindo da empáfia com que muitos se veem” (YUNES, 2016, p.17), e dos casos que, desde as tragédias gregas, confrontam-nos com nossas próprias verdades e nossos julgamentos, permitindo que caia “o véu que oculta nossa autocomiseração, que impede de ver o porte dos dilemas que verdadeiramente importam” (YUNES, 2016, p.18).

Eliana Yunes explora em seu texto o pressuposto humanizador da literatura, ao argumentar que o não leitor, por não ter domínio da linguagem, possui dificuldade em comunicar seus medos e suas angústias, por isso opta muitas vezes pelo silêncio, “que é recusa e desafio, tradução da ira contida” (2016, p.19), ou pelos lamentos, e/ou pela violência física em âmbito social. Para a autora, o ato de narrar e de se expressar leva o sujeito a se apossar não só da palavra, mas de si mesmo, ou seja, a agir produtivamente da “[...] escuta à expressão” (YUNES, 2016, p.19). Por meio desse raciocínio, ela busca vencer a desconfiança de seu público leitor de que não é capaz de realizar uma leitura crítica, nem mediá-la.

Para o trabalho de formação do leitor, Yunes (2016) propõe que o mediador ofereça aulas criativas, filiadas aos interesses de seus alunos e aos acontecimentos da semana. Para tanto, sugere que, a partir da discussão de imagens cotidianas, ele prepare seus alunos para a leitura crítica de quadros de Picasso e Delacroix; das fotografias de Sebastião Salgado; das pinturas de Siron Franco; do filme *Sonho* (1990) do diretor Akira Kurosawa em especial, do episódio “Os corvos”, em que um personagem, ao contemplar quadros de Van Gogh, adentra um deles. Aliás, compara essa cena, a qual suscita produtividade do leitor no processo de recepção textual, com a performance do protagonista do famoso conto “A continuidade dos parques”, de Júlio Cortázar (2017), que abandona seu plano narrativo para adentrar o de seu suposto leitor, com a finalidade de assassiná-lo. O engodo avulta pela reflexão metaficcional, pois este último é lido por outro suposto leitor: o empírico.

Yunes (2016) afirma que o prazer da leitura advém justamente da descoberta pelo leitor de que é capaz, graças a sua perspicácia e inteligência, de realizar preenchimentos, deduções na leitura. O mesmo prazer de descoberta pode ocorrer com o leitor iniciante, em geral, habituado a imagens pasteurizadas e a vídeos na internet que, filiados a pedagogismos, desconsideram as contribuições libertárias das obras de Lobato, na representação das peripécias de suas personagens. Para romper com o olhar automatizado, Yunes (2016) sugere

a mediação de textos imagéticos pautados pela criação estética, como *Cântico dos Cânticos*, de Ângela Lago (1992), entre outros. Pode-se associar a esses textos a leitura de gibis; filmes, como *Os narradores de Javé*, de Caffé (2003); curtas, como a *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado (2017); e séries, como as mexicanas *Chapolin* e *Chaves*, de Roberto Gómez Bolaños (1999), visando à reflexão crítica sobre o próprio contexto em que se vive, seus discursos e discrepâncias sociais.

Para a autora, as histórias de super-heróis favorecem a leitura de textos épicos e sagas, bem como de mistérios. Elas motivam o jovem a conhecer romances detetivescos, como *Sangue fresco*, de João Carlos Marinho (1996), que se aproxima das narrativas de Agatha Christie e das peripécias de James Bond; heróis épicos, mesmo que seja em uma adaptação, ou aventureiros como de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1963); ou da trilogia de J. R. R. Tolkien, ou da série de J. K. Rowling que, mesmo com as adaptações para o cinema, não deixou de despertar interesses de leitura. Aliás, esse tipo de interesse deflagrado pelo cinema pôde ser notado na adaptação de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (1984), feita por Tim Burton.

Justamente, pela dialogia entre obras, filmes, curtas, poemas, entre outras manifestações culturais, a escritora rompe com o conceito prévio dos mediadores de que a leitura é ato solitário. Assim, assevera que a leitura “solitária” existe somente para o leitor experiente, mas este, por sua vez, “[...] já carrega dentro de si muitas vozes coletadas em campo alheio” (YUNES, 2016, p.32). No processo de interpretação, seu repertório permite-lhe associar o que lê a outros textos diversos, agregando vozes a sua. Para a formação do leitor, todavia, faz-se necessária a leitura solidária que se efetiva no diálogo, na troca de impressões coletivas em sala de aula, bem como na identificação do diálogo entre textos – intertextualidade. Dessas discussões, por exemplo, nasce o espírito crítico e amplia-se o horizonte de expectativas.

O leitor, ao ampliar seu repertório de leituras, torna-se exigente, por isso não se contenta mais com o previsível. Ele percebe que o conhecimento articula-se em redes. Assim, “[...] certo sentimento de que o mundo não lhe é estranho ou alheio desponta” (YUNES, 2016, p.33), pois pode associar seus saberes individuais a outros coletivos. Essa teia dos saberes, por sua vez, amplia o raio de ação do sujeito, pois torna as disciplinas campos de conhecimentos integrados.

A escritora afirma, apoiando-se em Bachelard (1986, p.38), que a “[...] poesia e arte são linguagens capazes de apontar sem descrever certos mistérios”, os quais escapam às explicações da ciência. Desse modo, explana que a leitura promove e alarga a compreensão do leitor, pois este aprende a conviver com outros olhares e posturas diversas das suas e a respeitá-los. Além disso, a leitura modifica o sujeito pela interação entre o texto primeiro e os que já traz consigo, enquanto expressão de sua própria história. Pela palavra contemplada, o leitor experiente elege suas atitudes, a partir de sua consciência crítica e posicionamento ético. Eliana Yunes argumenta que os atos de ler e interpretar ampliam a participação política do sujeito, e a aprendizagem como reflexão favorece ao surgimento do imaginário que, por sua vez, postula a realidade como projeto de bem a se construir. Justifica-se, então, a necessidade de se investir em educação.

Ao retomar textos teóricos que fazem parte da formação do professor e ao apresentá-los outros, Yunes objetiva romper com o conceito prévio de que a teoria antecede à prática, pois a maior contribuição da primeira “[...] é a de ensinar a pensar com algum rigor, por pressupostos e deduções a serem conferidos com os resultados na prática” (2016, p.68). Assim, explana que ambas se complementam, mas a teoria só interessa quando a curiosidade está desperta. Se esta condição já se instaurou, então, as indagações sobre leitura e formação do leitor podem finalmente promover o prazer da descoberta.

Dos dez capítulos que compõem a obra, somente o último apresenta-se de ponta cabeça em relação aos demais, sendo seguido pelas referências bibliográficas. Essa disposição textual revela que esse capítulo poderia ser o primeiro, se o livro começasse com dados mais contundentes sobre o fracasso da leitura na escola. Sua subversão indica que a escritora optou por iniciar seu diálogo com o professor-leitor, por meio da conquista à leitura como meio também de prazer. Sua opção põe em prática o que preconiza, pois seu leitor sente-se acolhido pelo seu texto e motivado também, em conformidade com uma visão larrosiana, a tratar seus alunos como hóspedes da cultura. Fica explícito, então, seu convite para se reinventar a escola, pela inversão, subversão, de conceitos prévios, valores e atitudes.

THE READING AS AN INVITATION FOR THE TEACHER TO REINVENT THE SCHOOL

ABSTRACT: Free review of the work YUNES, Eliana. *Teacher: a learning and its pleasures*. Illustration by Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publications, 2016. Collection Mediations.

KEYWORDS: Formation of the reader; Reading at school; Reading mediation.

LA LECTURA COMO INVITACIÓN PARA EL PROFESOR REINVENTAR LA ESCUELA

RESUMEN: Reseña libre de la obra YUNES, Eliana. *Profesor lector: un aprendizaje y sus placeres*. Ilustración de Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publicaciones, 2016. Colección Mediaciones.

PALABRAS CLAVE: Formación del lector; Lectura en la escuela; Mediación de lectura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. L. de. *A curiosidade premiada*. São Paulo: Ática, 1988.

BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70, 1986.

BOJUNGA, L. *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1979.

BOLAÑOS, R. G. *Chapolin e Chaves* (Série de TV), 1990.

CAFFÉ, E. *Os narradores de Javé*. São Paulo: IMESP, 2003.

CARROLL, L. *Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

CASCUDO, C. *Literatura oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 2009.

CORTÁZAR, J. A. continuidade dos parques. Acesso: <[Http://claricemenezes.com.br/2016/07/10/conto-continuidade-dos-parques/](http://claricemenezes.com.br/2016/07/10/conto-continuidade-dos-parques/)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

FURTADO, J. *Ilha das flores*. 1989. Acesso: <[Https://www.youtube.com/watch?v=6Dp4ZAJRvCU](https://www.youtube.com/watch?v=6Dp4ZAJRvCU)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GUIMARÃES, R. *Fita verde no cabelo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

ISER, W. *El ato de leer*. Madrid: Taurus, 1987.

LAGO, A. *Cântico dos cânticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MARINHO, J. C. *Sangue fresco*. Rio de Janeiro: Global, 1996.

PERRAULT, C. *Chapeuzinho vermelho*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2007.

QUEIRÓS, B. C. de. *Ciganos*. Belo Horizonte: Miguilim, 1982.

QUEIRÓS, B. C. *Vermelho amargo*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2011.

SONHOS. Direção: Akira Kurosawa. Produção: Steven Spielberg; Hisao Kurosawa e Mike Y. Inoue. Intérpretes: Akira Terao; Mitsuko Baisho; Toshie Negishi; Mieko Harada; Martin

Scorsese. Roteiro: Akira Kurosawa. [S.l.]: Warner Home Vídeo, 1990. 1 bobina cinematográfica. (119 min.), son., color, 35 mm.

SWIFT, J. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

YUNES, Eliana. *Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres*. Ilustr. Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publicações, 2016. (Coleção Mediações).

Recebido em maio de 2017.

Aprovado em agosto de 2017.